

**Dilemas da mobilidade de classe:  
aproximações entre Parasita (2019) e a  
Herança que importa (2020)***Dilemmas of Class Mobility: Approximations Between  
Parasite (2019) and A herança que importa (2020)***Gláucia Silva do Nascimento**<sup>1</sup>

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

**Paulo Victor Silva Arize dos Santos**<sup>2</sup>

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

**Resumo**

Em contato com essas duas obras audiovisuais recentes, o filme *Parasita* (2019) e o vlog *A herança que importa* (2020) uma do cenário sul coreano e outra do cenário brasileiro, destacamos como elemento central que as une o tema da mobilidade de classe. Elencaremos nas linhas que seguem motivos para acreditar que esse movimento é tão frágil que beira à inexistência. Mesmo em contextos sociais distintos, se o sistema econômico que adotamos como referência for o Capitalista, as desigualdades sociais e as consequências que deles advêm serão os mesmos. A esse respeito, Marx nos apresenta duas concepções úteis para entender tais problemáticas: o conceito de divisão social do trabalho e de ideologia, os quais nos dedicaremos no decorrer do texto.

**Palavras-Chave:** Parasita, Herança que Importa, Mobilidade no Capitalismo, Marx.

**Abstract**

Contacting these two recent audiovisual works, the film *Parasite* (2019) and the vlog *The Inheritance That Matters* (2020)—one from the South Korean scene and the other from the Brazilian scene—we highlight as a central element that unites them the theme of class mobility. In the following lines, we will list reasons to believe that this movement is so fragile that it borders on non-existence. Even in different social contexts, if the economic system we adopt as a reference is Capitalist, social inequalities and their consequences will be the same. In this regard, Marx presents us with two useful concepts to understand such issues: the concept of the social division of labor and ideology, which we will focus on throughout the text.

**Keywords:** Parasite, *The Inheritance That Matters*, Mobility in Capitalism, Marx.

---

<sup>1</sup> Mestra em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, Lic. em Filosofia pela Universidade do Estado da Bahia e Lic. em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: glau\_cia.s@hotmail.com

<sup>2</sup> Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: arize2630@gmail.com

## Dilemas da mobilidade de classe: aproximações entre *Parasita* (2019) e *a Herança que importa* (2020)



Parasite (2019). Dir. Bong Joon-ho. (132m)

Somos atingidos, através dos diversos meios de comunicação, por notícias de pessoas que saíram de pobreza e conseguiram construir seu próprio negócio e alavancaram suas carreiras e capital financeiro. Apreciamos esse esforço, essa luta incansável dos cidadãos brasileiros. Será por isso que nos comprazemos com a meritocracia? Queremos acreditar que sairemos da condição de subalternização e precarização que vivenciamos, cotidianamente, mesmo com inúmeras adversidades? A esse respeito, Marx nos apresenta duas concepções úteis para entender tais problemáticas. O conceito de divisão social do trabalho e de ideologia, os quais dedicaremos uma explanação mais adiante. Nosso texto mesclará, de forma não linear, duas obras, a saber: o filme *Parasita* (2019), e aspectos do vídeo “A herança que importa (2020)<sup>3</sup>”, publicado por Bira em seu canal do *Youtube*.

O filme *Parasita* provoca uma série de sensações desconfortáveis, como desprezo e asco, até mesmo para espectadores menos atentos. Sua narrativa impacta profundamente, levando o público a experimentar cada etapa com intensidade. As cenas sangrentas evocam lembranças de *Corra!* (2017), de Jordan Peele, e as abordagens chocantes nos conduzem a um estado de transe multifacetado. A narrativa, marcada por cenas impactantes e chocantes,

---

<sup>3</sup> Canal “O algoritmo da imagem”. Disponível em: [https://youtu.be/PLaUb-mEt3Q?si=2NUAOy\\_s\\_apNYNpd](https://youtu.be/PLaUb-mEt3Q?si=2NUAOy_s_apNYNpd).

nos coloca diante de um dilema moral: quem, afinal, é o parasita? A família rica, que se beneficia do trabalho dos mais pobres, ou os próprios pobres, que lutam pela sobrevivência em um sistema desigual?

O filme evidencia a crueldade da distinção de classes, materializada em elementos como o cheiro, que se torna um marcador social de pobreza e um motivo para o desprezo. A aporofobia, o medo e o desprezo pelo pobre (Cf. Cortina, 2020), está presente em todas as interações entre as duas famílias, revelando a naturalização da desigualdade e a construção de uma hierarquia social injusta. Diante da trama sul-coreana, somos levados a questionar: quem é o verdadeiro parasita? A família rica, a pobre, ou a que habita o bunker? Questões morais emergem: é justo que, em um mesmo contexto social onde todos contribuem, alguns acumulem riquezas enquanto outros não? As estratégias da família Kim, a pobre, para conseguir ocupações (não exatamente empregos), são aceitáveis?

Ambas as famílias no longa vivem do trabalho, cujos produtos são úteis à vida das pessoas e essenciais para que outros trabalhos sejam realizados. No entanto, mesmo que toda a riqueza mundial seja fruto do esforço coletivo, essa riqueza não é redistribuída de forma justa. O filme nos faz refletir sobre a injustiça do capitalismo, onde todos participam da produção de riqueza, mas nem todos têm acesso a ela. Nesse contexto, questionamos: é justo considerar que as pessoas recebem, em punição ou mérito, exatamente o que merecem?

A vida em civilização, como a conhecemos, só é possível pelo trabalho coletivo que transforma a natureza orgânica (o mundo como nos é dado) em natureza inorgânica (modificada ou artificial). Em *Parasita*, a vida da família Park (a mais rica) só se realiza graças ao trabalho das pessoas que usam metrô e, por isso, "cheiram" de forma diferente. Nesse cenário, dois elementos se destacam: o marcador social da pobreza e a distribuição desigual de bens, fenômenos que estruturam as relações aporofóbicas: tais relações aprendemos desde cedo. A qualquer proletário, é perturbador a forma como o Sr. Park (pai da família rica) faz comentários preconceituosos sobre o cheiro de seu motorista Kim Ki-Taek (pai da família pobre). Park Da-song (filho da família rica), ainda criança, também reforça essa divisão ao dizer que todos eles têm o mesmo cheiro, mesmo quando a família infiltrada ainda não fora descoberta. O cheiro a que se referiam era o das "pessoas que usam metrô", dos pobres e baixos-proletários.

Diante dessa realidade, por que nem todos os que contribuem para a produção da riqueza mundial e para a transformação da natureza inorgânica podem usufruir desse acúmulo de riqueza? Marx nos explica que a divisão social do trabalho, através da história material e dialética, permitiu essa desigualdade. Segundo o autor: "Os diferentes estágios de desenvolvimento da divisão do trabalho são outras tantas formas diferentes de propriedade;

isto é, cada estágio da divisão de trabalho determina também as relações dos indivíduos entre si no que concerne ao material, ao instrumento e ao produto do trabalho" (Marx, 2019, p. 15). Marx, junto a Engels, relata como essa mudança ocorreu ao longo da história da humanidade. No entanto, a questão crucial é que, nessa divisão social do trabalho, alguns passam a valer menos que outros; o trabalho no campo não tem o mesmo valor que o realizado nas fábricas, e estes, em relação ao do comércio, e assim por diante. Esse encadeamento de valoração e distinção funcional nos leva a questionar: o que realmente diferencia o valor de cada trabalho? Marx nos aponta para o conceito do exército industrial de reserva.

Diante dos desafios impostos por esse sistema, tanto nós quanto a família Kim começamos a "internalizar a lógica do capitalismo tardio", que "considera a pobreza uma consequência" de nossas "próprias falhas morais", individuais, e "não o resultado de um sistema construído sob a exploração e a precariedade perpétua" (Balhorn, 2020). *Olhos desatentos* poderiam dizer que é preciso esforço e dedicação incansável a um ofício para que, cedo ou tarde, alcancemos nosso sucesso na sociedade.

"Olhos desatentos" é um chamamento (quase um mantra entoado por Bira) para desnudar as camadas que recobrem nossas visões de mundo a respeito de temas que passariam despercebidos, ou seriam rotulados como "natural" por aqueles que não se demoram em analisar os acontecimentos. Isso é o conceito de ideologia para Marx, ideias criadas por nós que mascaram a realidade e torna útil a reprodução do sistema vigente e da servidão. Ela é fundamental para condicionar não somente o corpo, mas também a mente do trabalhador ao trabalho e ao Sistema Capitalista.

O tema despercebido que aparece no filme e daremos evidência no texto é a mobilidade social. Tanto Bira quanto Bong Joon Ho constroem narrativas que permitem análises sociais para nos convencerem de que existem barreiras que são praticamente intransponíveis, ainda que se queira muito atravessá-las para efetivar uma eventual transição de classe. Há uma espécie de laço que nos aprisiona em determinados nichos dos quais, por mais que se deseje individualmente, ultrapassá-los, os subalternizados não conseguem. É o que na Sociologia se chama "fechamento social", tal interrupção delimita a "fluidez social" de filhos de uma classe à outra, distinta de seus pais, a chamada mobilidade intergeracional (Ribeiro, 2014).

Na trama, a família abastada dos Park funciona como um espelho da miserável família Kim. Temos um casal hetero (pais) e um casal de filhos para cada lado. Além da família que surpreendentemente aparece do meio para o fim do filme, da governanta demitida e de seu esposo relegado à condição de sub-humanidade vivendo no bunker da casa dos Park.

Há tantos elementos semióticos evidenciados no filme que ajudam na construção de nossa percepção das realidades vividas por ambas as famílias que valem o destaque. A disposição da casa dos ricos está em um plano elevado; e a da família pobre é abaixo do nível da rua. Cômodos apertados, mal ventilados, presença de insetos, de bêbados que corriqueiramente utilizavam àquelas imediações para urinar. Embora as disposições das casas serem diametralmente opostas, um aspecto é similar a ambas, a visão de uma paisagem em relevo, como um horizonte.

Quando o momento de incidência das fortes chuvas acontece e a família Kim fica desabrigada inevitavelmente fazemos associações com as diversas inundações, enchentes e desabamentos que a realidade brasileira apresenta nos últimos anos e tal qual os sul coreanos interpretaram, também nós, vivenciamos inconstância e descaso de governança ante as catástrofes ambientais.

A mobilidade de classe em *Parasita* parece exequível na trama através do fator educação formal. No início do filme, o amigo de Kim Ki-woo, Min (estudante universitário), lhe faz uma proposta de trabalho na casa de uma família rica e sua tarefa seria ensinar inglês para Park Da-hye (filha dos Park) e “cuidar” dela enquanto ele estivesse em viagem (na ocasião Min presenteia Kim filho com uma pedra que traz riqueza material).

Vemos que a família Kim, por mais planeje e execute táticas de assunção social; infiltrados na estrutura da família Park, não saem da condição de moradores do subsolo. O que impede tal mudança? Segundo Ribeiro (p.182, 2014), a mobilidade de classe é possível através da educação. Ela tem, portanto, um “efeito mediador, entre origem e destino de classe” dos indivíduos nas sociedades modernas. Mas, olhando para o contexto de *Parasita*, a mobilidade de classe por meio da educação, parece não vir. Mesmo quando o filme se encaminha para seu desfecho, Bong Joon Ho nos prega uma peça, se de fato, o Kim filho, conseguiu (conseguirá) entrar numa Universidade e poderá tirar seu pai do bunker, aliás, esse desfecho nos faz lembrar o de *Inception* (2010), ou ainda *Mr. Nobody* (2009), ou o episódio de *A mancha* (2023)<sup>4</sup>”; em todos os casos, os fins são abertos, e se você não for cartesiano (linear) em demasia conseguirá lidar com eles, caso seja, estará em apuros.

Incomoda-nos perceber que tal mobilidade por meio da educação não virá. “Quantas vezes você fez vestibular?”, interpela Min a Kim filho; e prossegue, “duas antes do serviço militar e duas depois. Línguas, vocabulário, redação, conversação. Em se tratando de ensinar inglês você pode ensinar dez vezes mais que aqueles playboys bêbados da faculdade”. Tal constatação apresentada por Min, nos mostra que, mesmo possuindo méritos intelectuais para a atividade, faltam oportunidades para Kim, e uma herança que importa, afinal.

---

<sup>4</sup> Episódio da Série “Falas femininas – Histórias Impossíveis” do Globoplay.

Para *olhos desatentos* estaríamos todos aptos a prosperar economicamente. É difícil desnudar nossos pensamentos da perspectiva meritocrática, visto que nosso imaginário social é retroalimentado constantemente com múltiplas histórias de ascensão de classe de pessoas comuns. Nesse lago de visão turva, os discursos inflamados e inflamáveis de Bira (2020) vêm nos ajudar a decodificar os diversos espectros de nossas realidades. E se levarmos em consideração a perspectiva marxista, nossa realidade é determinada por fatores materiais - e ordinariamente ignoramos isso.

Os vídeos de Senhorita Bira são construídos com o intuito de fazer-nos ver por outros vieses, verdades, realidades, imagens, símbolos, discursos que são paradigmáticos em nossos modos de viver em sociedade. Percebe-se em suas análises que esses e outros elementos que moldam nossas visões de mundo são construídos, modificados e ajustados para nos fazerem crer que tudo que está à nossa volta é natural, banal, incriado. O nosso conceito de mundo: nós o fantasiamos; e nos perdemos nessa fantasia porque passamos a acreditar no contrário - que as ideias criam o mundo - tal construção se reproduz naturalmente pela dinâmica da vida, mas também artificialmente através do Estado e dos meios de comunicação.



O Algoritmo da Imagem, *A herança que importa*, 2020.

Com Bira aprendemos que na política brasileira há um regime de perpetuação de linhagem das “famílias quatrocentonas”. Elas acumulam capital, influência e poder, pois descendem de famílias aristocratas e reforçam seus laços com arranjos familiares continuamente. Por um instante, em *Parasita*, Kim Ki-woo vislumbra construir um laço de matrimônio com Park Da-hye; e nós, os subalternizados como ele, também embarcamos nesse corolário, mas isso só dura alguns instantes e logo se desfaz.

E então, como podemos transpor o fechamento social que delimita a mobilidade de classe intergeracional? Aqui, “na nossa amizade gostosa”, como diria Bira, ter algum nível de instrução educacional seria mesmo à chave dessa transposição? Ficamos tentados com as palavras do Kim Ki-Taek, de que o melhor a se fazer, “é nunca ter planos”, pois “a vida não acontece do jeito que planejamos”. É um preceito estóico, árduo, e duro de ouvir, de se dizer, principalmente a um filho.

E diante desse cenário de retirada de *véus de Maia*, seguimos de uma forma ou de outra; agarrados tal qual Kim filho à pedra que traz riqueza material ou aceitamos que “perdemos para a elite dominante desse país [Brasil]”, como diria Maria Conceição Tavares, “e lutamos de alguma forma para não enlouquecer, para não contribuir com a nossa gota de fel para o veneno alheio”; portanto, “tomemos a nossa cicuta com tranquilidade”.

## Referências

CORTINA, Adela. *Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia*. Tradução de Daniel Febre. São Paulo: Contracorrente, 2020.

SENHORITA BIRA. *A herança que importa*. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=PLaUb-mEt3Q>>. Acesso em 15 de junho de 2024.

*PARASITA*. Direção: Bong Joon-ho. Produção: Kwak Sin-ae. Coreia do Sul: Barunson E&A, CJ Entertainment, 2019. 1 filme (132 min).

BALHORN, Max. *Parasita, um retrato do neoliberalismo sul-coreano*. Traduzido por Giuliana Almada. 2020. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2020/01/parasita-um-retrato-do-neoliberalismo-sul-coreano/>> , Acesso em 21 de junho de 2024.

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Tradução de Milton Carmargo Mota. Petrópolis: Vozes, 2019.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Mobilidade e estrutura de classes no Brasil contemporâneo. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, ano 16, no 37, set/dez 2014, p. 178-217. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1590/15174522-016003711>>. Acesso em 15 de junho de 2024.